



## PERCEPÇÃO SUBJETIVA DA SAÚDE MENTAL ENTRE DISCENTES EAD: RESULTADOS DE UM ESTUDO NACIONAL

*Joed Jacinto Ryal<sup>1</sup>, Marylya Dayany Moraes Medeiros Dias<sup>2</sup>, Vitor de Oliveira Machado<sup>3</sup>,  
Rute Grossi-Milani<sup>4</sup>, Mirian Ueda Yamaguchi<sup>5</sup>*

<sup>1</sup> Doutorando do programa de pós-graduação em promoção da saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UniCesumar. jjacintoryal@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UniCesumar. Bolsista PIBIS/Fundação Araucária- UniCesumar. marylyadias8@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UniCesumar. Bolsista PIBIS/Fundação Araucária- UniCesumar. vitormachado@gmail.com

<sup>4</sup> Coordenadora, Doutora em Ciências Médicas pela Universidade de São Paulo (USP); Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Universidade Cesumar (UniCesumar), Bolsista Produtividade da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) e do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI).

rute.milani@unicesumar.edu.br

<sup>5</sup> Orientadora, Docente do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar- UniCesumar, Bolsista Produtividade da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) e do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). mirianueda@gmail.com

### RESUMO

A autopercepção da saúde é reconhecida como um indicador sintético relevante para avaliar o bem-estar físico e psicossocial de populações específicas. No contexto da Educação a Distância (EaD), embora haja crescente produção científica voltada a aspectos pedagógicos e de desempenho acadêmico, ainda são escassas as investigações sobre a saúde mental dos estudantes. Este estudo objetivou analisar a autopercepção da saúde mental de discentes vinculados à modalidade EaD em uma instituição brasileira de ensino superior. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva e transversal, que contou com 1.786 participantes. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres, estudantes com idade entre 17 e 40 anos, residentes nas regiões Sudeste e Sul, com predominância de indivíduos que conciliam estudos com trabalho e não possuem outra graduação concluída. Os dados foram coletados por meio de questionário eletrônico contendo questões sociodemográficas e uma escala ordinal para avaliação subjetiva da saúde mental. Os resultados apontaram que 61,2% dos respondentes avaliaram positivamente sua saúde mental (boa, muito boa ou excelente), enquanto 38,5% a classificaram como regular ou ruim. Tais achados indicam a existência de um contingente expressivo de estudantes com percepção negativa de seu bem-estar psicológico. A partir disso, destaca-se a importância de ações institucionais voltadas à promoção da saúde mental no ambiente da EaD, considerando os desafios e características desse público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação da Saúde Mental; Educação a Distância; Ensino Superior; Promoção da Saúde; Ambiente Escolar.

## 1 INTRODUÇÃO

A percepção subjetiva que o indivíduo tem sobre sua própria condição de saúde, denominada autopercepção ou autoavaliação do estado de saúde, é reconhecida como uma métrica amplamente adotada para caracterizar o perfil de saúde populacional. Diversos estudos e órgãos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), destacam sua relevância como indicador sintético da saúde coletiva (Szwarcwald et al., 2015; Verropoulou, 2014; Brasil, 2020; Gomes et al., 2021).

Devido à sua aplicabilidade prática e abrangência, a análise da percepção subjetiva de saúde tem ganhado destaque em pesquisas tanto em âmbito nacional (Brasil, 2021; Zanesco et al., 2018) quanto internacional (Molarius et al., 2006; Aguilar-Palacio et al., 2015; Carvalho et al., 2015; Arsandaux et al., 2019), sendo utilizada em contextos diversos, inclusive em nações com distintos níveis de desenvolvimento socioeconômico. Essa variável, de caráter multifatorial, permite acompanhar o estado de saúde da população a partir da análise de fatores sociodemográficos como faixa etária, gênero, nível educacional, classe econômica e origem étnico-racial (WHO, 2008).



Reconhecida como um importante marcador para estimar o bem-estar físico e psicossocial de coletivos específicos, a autopercepção do estado de saúde constitui uma ferramenta valiosa para orientar políticas públicas, bem como nortear ações voltadas à promoção da saúde em diferentes segmentos populacionais (Confortin et al., 2015; Gomes et al., 2021; Medeiros et al., 2016; Pagotto et al., 2013; Pavão et al., 2013; Szwarcwald et al., 2015).

A educação a distância tem se consolidado progressivamente como uma alternativa educacional predominante em escala global. No contexto brasileiro, essa tendência foi evidenciada pelos dados do Censo da Educação Superior de 2021, conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em parceria com o Ministério da Educação (MEC). De acordo com o levantamento, observou-se uma redução de 23,4% nas matrículas em cursos presenciais ao longo da última década, paralelamente a um expressivo crescimento de 474% na adesão ao Ensino a Distância (EaD). Em 2021, essa modalidade já representava 62,8% do total de novos ingressantes no ensino superior brasileiro (Brasil, 2022; ABED, 2022).

Embora haja ampla produção científica voltada à investigação da saúde física e mental de universitários vinculados ao ensino presencial (Mboya et al., 2020; Faria et al., 2021; Linard et al., 2019; Coelho et al., 2017), observa-se uma lacuna significativa no que diz respeito à modalidade de Educação a Distância. Neste contexto, as pesquisas têm priorizado temáticas como metodologias pedagógicas, desempenho acadêmico e formação profissional, relegando a segundo plano aspectos relacionados ao bem-estar, qualidade de vida e condições de saúde dos estudantes dessa modalidade. Além disso, a maioria das produções científicas identificadas concentra-se no período da pandemia de COVID-19, com ênfase nos impactos psicológicos vivenciados durante esse cenário excepcional, o que limita a compreensão mais ampla e contínua da vivência dos discentes da EaD em contextos não emergenciais.

Considerando a escassez de investigações direcionadas à saúde de estudantes do ensino superior na modalidade a distância, principalmente voltadas a saúde mental, este estudo teve como propósito analisar a forma como esses discentes percebem sua própria saúde mental.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este é um estudo de natureza quantitativa, transversal, descritiva, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 6.991.751, emitido em 15 de março de 2024. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, disponibilizado na plataforma Google Forms, cujo acesso foi fornecido pela própria instituição aos estudantes regularmente matriculados nos cursos ofertados na modalidade de Educação a Distância, durante o mês de maio de 2025. O instrumento permaneceu acessível por um período de três semanas.

A amostragem foi constituída de forma aleatória e por adesão voluntária, contemplando estudantes pertencentes a um universo estimado de 318.968 discentes, matriculados em 72 cursos das áreas de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde, distribuídos em 26 estados do país e no Distrito Federal, com base nos dados referentes ao ano de 2022.

Mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes foram convidados a responder a um bloco de questões sociodemográficas, que incluíam informações sobre sexo, idade, região de residência, conclusão prévia de outro curso de graduação e situação atual de trabalho. A seguir, foi aplicada uma questão para avaliação subjetiva da saúde mental, formulada da seguinte maneira: “Como você avalia sua saúde mental?”. As respostas foram dispostas em uma escala ordinal de cinco



pontos, com os seguintes níveis e pontuações correspondentes: 1 – Ruim; 2 – Regular; 3 – Boa; 4 – Muito boa; 5 – Excelente. Os dados serão apresentados de forma descritiva.

### 3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao todo, foram registradas 1.836 respostas ao formulário aplicado junto aos estudantes da modalidade de Educação a Distância. Dentre esses, 1.786 participantes consentiram formalmente sua participação ao aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concluíram integralmente o questionário. A Tabela 1 apresenta a distribuição dos dados sociodemográficos obtidos na amostra.

**Tabela 1:** Dados sociodemográficos

Variável	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	1146	64,02%
Masculino	636	35,06%
Prefiro Não Responder	0	0%
<b>Idade</b>		
De 17 a 29 anos	663	37,01%
De 30 a 40 anos	615	34,05%
De 41 a 50 anos	479	26,08%
Mais de 60 anos	28	1,06%
<b>Região de Moradia</b>		
Sudeste	726	40,07%
Sul	572	32,00%
Centro-Oeste	187	10,05%
Nordeste	174	9,07%
Norte	126	7,01%
<b>Finalizou Outra Graduação</b>		
Sim	314	17,06%
Não	1471	82,04%
<b>Trabalha Atualmente</b>		
Sim	1497	83,09%
Não	288	16,01%

Fonte: dados da pesquisa

A amostra do presente estudo foi composta por 1.782 participantes, sendo a maioria do sexo feminino ( $n = 1.146$ ; 64,02%) e o restante do sexo masculino ( $n = 636$ ; 35,06%). Nenhum participante optou por não declarar o sexo. A predominância feminina na amostra é superior à observada na população brasileira, onde a distribuição por sexo tende a ser mais equilibrada, cerca de 51% feminino e 49% masculino, segundo o IBGE (2023), o que pode indicar um viés de gênero possivelmente associado à maior adesão de mulheres em pesquisas relacionadas à saúde e educação.

Com relação à faixa etária, a maioria dos participantes tinha entre 17 e 29 anos ( $n = 663$ ; 37,01%) e entre 30 e 40 anos ( $n = 615$ ; 34,05%), totalizando mais de 70% de adultos jovens. A faixa de 41 a 50 anos representou 26,08% da amostra ( $n = 479$ ), enquanto apenas 1,06% ( $n = 28$ ) tinha mais de 60 anos. Essa distribuição etária reflete o predomínio de pessoas em idade economicamente ativa, e está em consonância com o perfil de usuários do ensino superior à distância, que tende a abranger jovens adultos (IBGE, 2023; INEP, 2022).

Quanto à região de moradia, a maior parte dos respondentes residia na região Sudeste ( $n = 726$ ; 40,07%), seguida pela região Sul ( $n = 572$ ; 32,00%). As demais regiões



apresentaram representatividade menor: Centro-Oeste (n = 187; 10,05%), Nordeste (n = 174; 9,07%) e Norte (n = 126; 7,01%). Em comparação com a distribuição populacional nacional estimada pelo IBGE, observa-se uma sub-representação da região Nordeste (que concentra aproximadamente 27% da população brasileira) e uma sobre representação da região Sul, sugerindo que fatores institucionais e de acesso podem ter influenciado a composição regional da amostra (IBGE,2023).

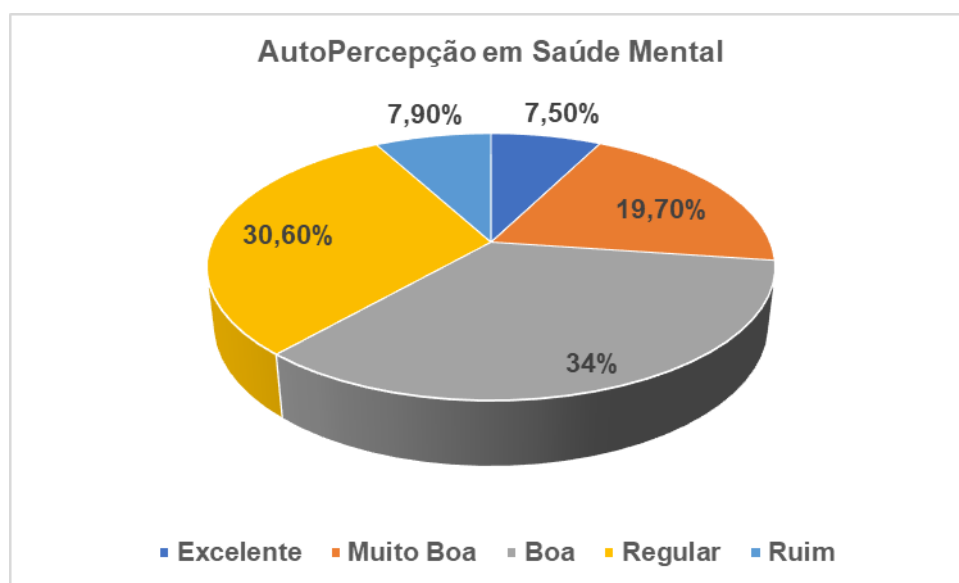
No que se refere à formação acadêmica, 82,04% dos participantes (n = 1.471) declararam não possuir outra graduação finalizada, enquanto 17,06% (n = 314) já haviam concluído um curso superior anteriormente. Esse percentual é significativamente superior à média da população brasileira com nível superior completo, o que é esperado em estudos com amostras vinculadas ao ensino superior (IBGE, 2023; INEP, 2022).

Em relação à inserção no mercado de trabalho, 83,09% dos participantes (n = 1.497) afirmaram estar trabalhando atualmente, enquanto 16,01% (n = 288) não exerciam atividade profissional no momento da coleta dos dados. Esse índice de ocupação é superior ao observado entre jovens e adultos na população geral, em que, segundo o IBGE (2023), cerca de 22% dos brasileiros entre 15 e 29 anos não estudavam nem estavam ocupados. Esse achado pode estar relacionado ao perfil da amostra, composta em grande parte por estudantes de graduação na modalidade a distância, que com frequência conciliam estudos com atividades laborais.

Ao serem questionadas sobre como avaliam sua saúde mental, as participantes apresentaram diferentes percepções. A maioria classificou sua saúde mental como boa (n = 624; 34,0%), enquanto 362 (19,7%) indicaram muito boa e 138 (7,5%) relataram que sua saúde era excelente. Somadas, essas categorias representam 61,2% da amostra (n = 1.124), indicando uma percepção positiva da saúde mental.

Por outro lado, percepções negativas de saúde mental foram relatadas por 707 participantes, o que representa 38,5% da amostra. Destas, 562 (30,6%) consideraram sua saúde mental como regular, e 145 (7,9%) a classificaram como ruim. Para fins de análise, a opção “regular” foi agrupada às avaliações negativas, por refletir uma percepção de limitação no bem-estar mental, mesmo que não extrema.

A Figura 1 ilustra graficamente a distribuição das respostas quanto à autopercepção da saúde mental das participantes, facilitando a visualização da proporção entre percepções positivas e negativas no grupo estudado.



**Gráfico 1:** Autopercepção em Saúde Mental dos estudantes EaD

Fonte: Dados da pesquisa



Estudos anteriores realizados com estudantes de cursos à distância apontam índices elevados de sofrimento psíquico nesse grupo. Pelucio et al. (2022), por exemplo, identificaram níveis significativos de sintomas de depressão e ansiedade entre universitários da modalidade EAD no Rio de Janeiro, especialmente durante e após o período de isolamento social da pandemia. Esses dados convergem com os resultados do presente estudo, no qual 38,5% das participantes avaliaram sua saúde mental como regular ou ruim, evidenciando a presença de um contingente relevante de estudantes em situação de vulnerabilidade psicológica. Esse achado reforça a importância de se compreender a saúde mental não apenas como ausência de adoecimento, mas também como um constructo dinâmico e multifatorial, influenciado por condições de vida, demandas acadêmicas e redes de apoio disponíveis.

Além disso, uma análise multinacional realizada por Silva et al. (2022) destacou que aspectos socioeconômicos, contextos políticos e desigualdades estruturais influenciam diretamente na forma como os indivíduos percebem sua saúde mental em países da América Latina, incluindo o Brasil. Tais fatores estruturais ajudam a explicar por que, mesmo dentro de um mesmo grupo populacional, podem existir percepções distintas de bem-estar psicológico.

Complementarmente, estudos como o de Oliveira et al. (2023) demonstram que variáveis como ambiente acadêmico percebido, apoio social e estilo de vida apresentam associação significativa com o estado de saúde mental autorreferido entre estudantes universitários brasileiros. Esses elementos sugerem que a percepção subjetiva da saúde mental constitui um marcador relevante de bem-estar, capaz de refletir tanto experiências individuais quanto condições institucionais.

Diante disso, os resultados aqui obtidos evidenciam que, embora a maioria das participantes perceba sua saúde mental de forma satisfatória, uma parcela considerável apresenta uma avaliação negativa. Esse resultado acende um alerta para a necessidade de estratégias institucionais consistentes, voltadas à promoção e prevenção em saúde mental no contexto da educação a distância. Tais ações devem considerar os desafios específicos desse modelo, como o isolamento social, a sobrecarga de atividades, a exigência de maior autonomia e a menor interação presencial, que, em conjunto, podem potencializar sentimentos de solidão, estresse e insegurança acadêmica.

#### **4 CONCLUSÃO**

A análise da autopercepção da saúde mental entre estudantes do ensino superior na modalidade a distância revelou um panorama misto, com predominância de percepções positivas, mas também com uma parcela expressiva de participantes que relataram avaliações regulares ou ruins sobre seu bem-estar psicológico. Esses dados sugerem que, embora muitos discentes se sintam mentalmente saudáveis, há um número relevante de estudantes enfrentando dificuldades subjetivas relacionadas à saúde mental, o que exige maior atenção de gestores e profissionais da área educacional.

A amostra foi composta majoritariamente por mulheres, estudantes com idade entre 17 e 40 anos, residentes principalmente nas regiões Sudeste e Sul do país, a maioria dos quais conciliava os estudos com atividades profissionais e não possuía outra graduação concluída. Tal perfil reforça a necessidade de que instituições de ensino superior considerem estratégias de promoção do cuidado psicológico também no ambiente virtual, implementando políticas que favoreçam a escuta, o acolhimento e o suporte contínuo, considerando as especificidades sociodemográficas desse público.

Os achados ainda evidenciam que a modalidade de ensino a distância impõe desafios particulares, como a sensação de isolamento, a sobrecarga de atividades e a



menor interação presencial, fatores que podem impactar negativamente o bem-estar dos estudantes. Nesse sentido, o fortalecimento de práticas institucionais voltadas à integração acadêmica, ao incentivo de redes de apoio social e ao desenvolvimento de habilidades de autorregulação pode contribuir para a mitigação de riscos e para a promoção de ambientes educacionais mais saudáveis.

Além disso, o estudo colabora para preencher uma lacuna na literatura ao trazer evidências empíricas sobre um tema pouco explorado fora do contexto pandêmico, ressaltando a relevância da autopercepção como ferramenta para o monitoramento da saúde mental em contextos educacionais contemporâneos. Recomenda-se, portanto, que pesquisas futuras aprofundem a investigação de variáveis mediadoras, como suporte social, condições econômicas e características individuais, ampliando a compreensão sobre os fatores que influenciam a saúde mental de estudantes em cursos a distância.

Por fim, os resultados aqui apresentados reforçam a importância de que o cuidado com a saúde mental seja reconhecido como componente essencial do processo formativo, de modo que a experiência acadêmica não se limite ao desenvolvimento de competências técnicas, mas também favoreça a construção de trajetórias de vida mais equilibradas, saudáveis e sustentáveis.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR-PALACIO, Isabel; CARRERA-LASFUENTES, Patricia; RABANAQUE, M. José. Salud percibida y nivel educativo en España: tendencias por comunidades autónomas y sexo (2001-2012). *Gaceta Sanitaria*, v. 29, n. 1, p. 37–43, 2015.

ARSANDAUX, Julie; MICHEL, Gregory; TOURNIER, Marie; TZOURIO, Christophe; GALÉRA, Cedric. Is self-esteem associated with self-rated health among French college students? A longitudinal epidemiological study: the i-Share cohort. *BMJ Open*, v. 9, n. 6, e024500, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). Censo EAD.BR 2018: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. Curitiba: InterSaberes, 2019. Disponível em: [http://abed.org.br/arquivos/CENSO\\_DIGITAL\\_EAD\\_2018\\_PORTUGUES.pdf](http://abed.org.br/arquivos/CENSO_DIGITAL_EAD_2018_PORTUGUES.pdf). Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2021: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022.  
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. **Vigitel Brasil 2021: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

BRASIL. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013: percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

BRASIL. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.



CARVALHO, Alice Teles de. Desigualdades na autopercepção de saúde: uma análise para populações do Brasil e de Portugal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 11, p. 2449–2461, 2015.

COELHO, M. T. A. D.; SANTOS, V. P.; CARMO, M. B. B.; SOUZA, A. C.; FRANÇA, C. P. X. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 6, n. 1, p. 5–13, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v6i1.1141>.

CONFORTIN, Susana Cararo; GIEHL, Maruí Weber Corseuil; ANTES, Danielle Ledur; SCHNEIDER, Ione Jayce Ceola; d'ORSI, Eleonora. Autopercepção positiva de saúde em idosos: estudo populacional no Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 5, p. 1049–1060, 2015.

FARIA, Elisangela Lopes de; SILVEIRA, Edilene Aparecida Araújo da; VIEGAS, Selma Maria da Fonseca. Everyday undergraduate experiences and the impact on students' mental health: scoping review. **SciELO Preprints**, 2021.

GOMES, Marília Miranda Forte; PAIXÃO, Luiz Alexandre Rodrigues da; FAUSTINO, Andrea Mathes; CRUZ, Rebeca Carmo de Souza; MOURA, Leides Barroso Azevedo. Positive self-perceived health markers in the older adult population in Brazil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, eAPE02851, p. 1–8, 2021.

GUILHERME, Janaína Alves; VERMELHO, Sônia Cristina Dias Soares; MATSUDA, Ely Mitie; YAMAGUCHI, Mirian Ueda. Satisfação dos usuários das redes de atenção à saúde após implantação do Programa Mais Médicos. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, v. 7, n. 1, p. 112–128, 2018.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2021.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acesso em: 21 jul. 2025.  
LINARD, Jair Gomes; MATTOS, Samuel Miranda; ALMEIDA, Ítalo Lenon Sales de; SILVA, Camila Brasileiro de Araújo; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. Associação entre estilo de vida e percepção de saúde em estudantes universitários. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 4, p. 374–381, 2019.

MEDEIROS, Sarah; SILVA, Lorena Santos Rocha; CARNEIRO, Jair Almeida; RAMOS, Gizele Carmen Fagundes; BARBOSA, Ana Teresa Fernandes; CALDEIRA, Antônio Prates. Fatores associados à autopercepção negativa da saúde entre idosos não institucionalizados de Montes Claros, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 11, p. 3377–3386, 2016.

MBOYA, Innocent B.; JOHN, Beatrice; KIBOPILE, Eneck S.; MHANDO, Lisbeth; GEORGE, Johnston; NGOCHO, James S. Factors associated with mental distress among undergraduate students in northern Tanzania. **BMC Psychiatry**, v. 20, n. 1, p. 1–7, 2020.



MOLARIUS, Anu; BERGLUND, Kenneth; ERIKSSON, Charli; LAMBE, Mats; NORDSTRÖM, Eva; ERIKSSON, Hans G.; FELDMAN, Inna. Socioeconomic conditions, lifestyle factors, and self-rated health among men and women in Sweden. **European Journal of Public Health**, v. 17, n. 2, p. 125–133, jun. 2006.

PAGOTTO, Valéria; BACHION, Maria Márcia; SILVEIRA, Erika Aparecida. Autopercepção da saúde por idosos brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 33, n. 4, p. 302–310, abr. 2013.

PAVÃO, Ana Luiza Braz; WERNECK, Guilherme Loureiro; CAMPOS, Mônica Rodrigues. Autopercepção do estado de saúde e a associação com fatores sociodemográficos, hábitos de vida e morbidade na população: um inquérito nacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 723–734, abr. 2013.

SZWARCWALD, Célia Landmann; DAMACENA, Giseli Nogueira; SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto Borges de; ALMEIDA, Wanessa da Silva de; LIMA, Lilandra Torquato Medrado de; MALTA, Deborah Carvalho; STOPA, Sheila Rizzato; VIEIRA, Maria Lúcia França Pontes; PEREIRA, Cimar Azeredo. Determinantes da autopercepção de saúde no Brasil e a influência dos comportamentos saudáveis: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, supl. 2, p. 33–44, dez. 2015.

VERROPOULOU, Georgia. Specific versus general self-reported health indicators predicting mortality among older adults in Europe: disparities by gender employing SHARE longitudinal data. **International Journal of Public Health**, v. 59, n. 4, p. 665–678, 2014.

ZANESCO, Camila; BORDIN, Danielle; SANTOS, Celso Bilynkievycz do; MÜLLER, Erildo Vicente; FADEL, Cristina Berger. Factors determining the negative perception of the health of Brazilian elderly people. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, n. 3, p. 283–292, 2018.